

MONTE MOZINHO. A RECUPERAÇÃO DO SECTOR B

Teresa Soeiro *

ABSTRACT:

In this paper we aim at reporting the archeological campaigns that took place in the castro of Monte Mozinho, Penafiel, in the years from 1995 to 1997. They were centered in already digged areas of *B* sector, external to the first wall, N and NE, alongside the road that is the back-bone of the village, showing occuparions from the I and III/IVth centuries D.C.

Down the slopes of the settlement, outside the ramparts and beyond the necropolis, as found in other castro sites, a different kind of construction emerged, to be studied in detail in future excavations.

As escavações arqueológicas efectuadas em Monte Mozinho nos anos de 1995 e 1997, com autorização concedida pelo IPPAR [PNTA001209/95/IPPAR-P e PNTA001097/97/IPPAR-P], incidiram no denominado sector *B*, talude seguido de grande plataforma pouco ondulada no exterior da muralha I, área voltada a Norte e Este, ladeando a calçada que constitui o eixo principal do povoado (Fig.1).

Tratava-se fundamentalmente de continuara recuperara informação possível no remanescente das estruturas e estratigrafias postas a descoberto nas décadas de quarenta/cinquenta por Elísio Ferreira de Sousa, o qual nos deixou apenas um parquíssimo relatório dos mais de dez anos de trabalhos efectuados nesta área de Mozinho¹. Dessa publicação² retirámos a fotografia correspondente às estruturas (Fig.2.1), para melhor aproveitar este testemunho único, o qual não pudemos valorizar com nenhuma descrição da época³. No levantamento topográfico de 1964⁴ estas estruturas continuam visíveis, mas já com muitas indefinições (Fig.2.2).

Também não possuímos uma recolha de espólio específica, uma vez que todos os materiais

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Via Panorâmica, s/ N.º 4150-564 Porto.

¹ SOEIRO, Teresa, 1998 - Monte Mozinho: 25 anos de trabalhos arqueológicos. *Cadernos do Museu*. 2, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, p. 12.

² SOUSA, Elísio Ferreira de, 1954 - Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mozinho. *Douro Litoral*. 6ª série, 5-6, Porto, Junta de Província do Douro Litoral, p. 136-149.

³ Em vão procurámos a documentação relativa a estas primeiras escavações, sobretudo os relatórios anuais, que tão pouco agradaram a Mendes Corrêa e Mário Cardozo. Mas, o processo parece continuar perdido, como já estava há décadas atrás, quando sem melhor sucesso o buscaram.

⁴ s/a, 1965 - Levantamento topográfico do Mòsinho. *Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel*. 2ª série, 3, Penafiel, Comissão Municipal de Cultura de Penafiel, p. 78

colectados por aquele investigador, excepto parte dos tesouros numismáticos, deram entrada no Museu de Etnografia e História da Junta de Província do Douro Litoral (Porto), entidade patrocinadora, sem outra informação que não a de provirem deste castro.

Quando em 1974 Carlos Alberto Ferreira de Almeida reabriu as escavações de Mozinho⁵, todo este sector *B* se encontrava já muito degradado, com um aspecto bem diferente do que apresentava nas fotografias de duas décadas antes. Foi parcialmente limpo de vegetação, tendo os trabalhos começado na sua parte superior, junto do monumento (*BC*), estendendo-se pouco para as quotas mais baixas por a opção ter recaído na abertura de uma longa vala que permitisse uma primeira leitura da diacronia e distribuição espacial da ocupação do povoado, com particular incidência na descoberta e transposição das suas sucessivas muralhas, muito perceptíveis no terreno mesmo antes da intervenção.

Assim, a área inferior do sector *B* ficou então mais uma vez por interpretar⁶, não sendo de modo algum satisfatória a planta das estruturas esboçada para a publicação, como tantas vezes sublinhou o autor, visivelmente incomodado com a falta de trabalhos neste local, que permitissem a sua integração no quadro do conhecimento sobre o povoado que a cada ano se acrescentava.

Em 1984 publicámos novamente o material que no Museu de Etnografia e História existia de Mozinho⁷, exceptuados os tesouros numismáticos sobre os quais se debruçara primeiro o achador⁸ e depois Mário de Castro Hipólito⁹ e Isabel Pereira¹⁰, sendo de data mais recente um novo trabalho em que foi posto maior cuidado no reagrupamento dos numismas efectivamente pertencentes a cada um dos conjuntos descobertos¹¹.

Para uma melhor exequibilidade do trabalho de recuperação da informação arqueológica dividimos este demasiado extenso e diversificado sector *B* em três subsectores, acrescentando-lhe uma letra, *A* a *C*. Assim, a parte escavada do sector *B* passou a estar repartida entre *BA*, conjunto a Este da calçada demarcado por uma antiga parede de quarteirão, *BB*, a Norte da mesma calçada, simétrico ao anterior, e *BC*, área em volta do monumento, que sobe até à muralha¹². A retirada dos antigos montes de entulho que quebravam a ligação visual entre estes subsectores, efectivada em 1998, e uma melhor observação das estruturas que afloram ou já foram escavadas levarão no futuro, certamente, a novos ajustamentos nesta repartição do espaço por unidades de intervenção.

1. A plataforma no exterior da Muralha I

Escavámos em 1995 no talude exterior à muralha I e ao seu reforço, para Norte da porta, espaço que já tinha sido aflorado em 1974, devido à abertura da vala de sondagem no sentido do topo do povoado, partindo de *BC*. O seu primeiro tramo, designado por I, com a largura de um metro, cruzou o reforço e a muralha em local bem perceptível por estar o pano de muro mais exposto e derribado pelas intempéries. Esta vala foi nesse ano alargada para Sul, sendo lançadas duas quadrí-

⁶ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1974 - *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel, Centro Cultural Penafidelis. p. 8-9.

⁷ SOEIRO, Teresa, 1984- Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. 3ª série, I, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, p. 257-289.

⁸ SOUSA, Elísio Ferreira de, 1965 -As moedas encontradas na citânia do Mosinho (cidade morta) e as suas possíveis conclusões. *Lucerna*. 4, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, p. 249-269.

⁹ HIPÓLITO, Mário de Castro, 1960-1961 - Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conimbriga*. 2-3, Coimbra, Instituto de Arqueologia, p. 46-47, n° 54 e 55.

¹⁰ PEREIRA, Isabel, 1974- Achados monetários do Monte Mozinho, Penafiel. *Conimbriga*. 13, Coimbra, Instituto de Arqueologia, p. 75-167.

¹¹ LIRA, Sérgio, 1984-1985 - Um tesouro monetário romano de Monte Mozinho. *Nvmvs*. 2ª série, 7-8, Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática, p. 59-75.

¹² SOEIRO, Teresa, 1998 - Monte Mozinho: a escavação do sector *D*. *Cadernos do Museu*. 2, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, p. 91.

cuias de quatro metros de lado. Pela planta e relatório então publicados¹³ verifica-se que entre o reforço exterior da muralha e a linha de afloramentos graníticos que o sustentavam não apareceram outras estruturas senão os muros de suporte, entre penedos, por vezes apenas com uma face, de direcção nem sempre coerente. Já a uma quota inferior surgiu uma construção circular.

Nos anos seguintes só esporadicamente se voltou a escavar aqui, permanecendo os dados por publicar até ao relatório de 1984¹⁴. Maior atenção fora concentrada no corredor entre a muralha e o seu reforço, com o objectivo de datar e relacionar as duas construções¹⁵.

Em 1995 retomámos a escavação desta plataforma (Fig.3), abrindo caminho ao percurso em redor da muralha, pelo exterior, importante para os itinerários de visita. Actuámos sobre o terreno de forma diferenciada, de acordo com a situação pré-existente, ou seja, dividimos a área a Sul da vala e quadrículas de 74 em três lotes perpendiculares à muralha, em grande parte já escavados mas nos quais restavam banquetas; enquanto para NW da vala de 74 o terreno estava pouco explorado, pelo que optámos pela quadrícula de 4x4m, agrupando alguns quadrados já parcialmente abertos e que recaíam sobre a muralha. Como limites da escavação utilizámos por um lado a muralha e seu reforço e, por outro, como diferenciação em relação ao restante sector B, os penedos que, com a ajuda dos muros de suporte, demarcam a plataforma. No extremo Norte da área escavada, a plataforma alargou-se e suavizou-se, não nos tendo sido possível abarcá-la, pelo que só em novas campanhas dirigidas neste sentido se poderá interpretar as estruturas construídas que agora começámos a descobrir.

1.1. Estruturas e estratigrafia

As estruturas construídas, em blocos irregulares de granito trabalhado a pico unidos por uma argamassa de saibro, estão, nesta plataforma, profundamente destruídas, ao nível das fiadas inferiores, e incompletas, o que não permite uma leitura clara da planta. O afloramento da rocha também criou desequilíbrios e ajudou a esta má preservação das construções, excepto as pequenas parcelas que ficaram anichadas nos seus requebros.

Como dissemos antes, a plataforma está delimitada por uma série de penedos proeminentes, existindo no intervalo entre eles muros de suporte, muito derrubados, já registados na planta de 1974. Na área agora escavada pela primeira vez, estes muros, genericamente, já não existiam, restando algumas pedras esparsas. Tudo o mais deve ter sido levado pela erosão, até porque a potência estratigráfica junto dos penedos da borda é quase nula.

De Sul para Norte a primeira construção com que deparamos, próximo ao penedo que ladeia a entrada, está reduzida à última fiada, de pedras grandes e picadas colocadas com cuidado sobre um lastro de saibro. Descreve um arco, adossado ao penedo, e está incompleta do lado da encosta. Pela irregularidade do solo deve já estar a um nível inferior ao de utilização.

Um pouco mais para Norte, sensivelmente paralelo à muralha e cruzando a vala de 1974 e a leitura de 95, está um outro troço de parede feita de pequenos blocos de granito, unidos por saibro, de que se vêem também só as últimas fiadas, algo mais numerosas sob a protecção do penedo a que se encosta. Primeiramente desenvolvendo-se em recta e depois descrevendo um ângulo de vértice arredondado, estes vestígios poderiam ter pertencido a um pátio. No interior encontrámos um penedo aplanado, restos de piso e parte do lastro de uma lareira. Pela leitura estratigráfica verificámos que apenas o pouco material do nível 3, o mais fundo entre o reforço da muralha e o muro, pode

¹³ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1977 - Escavações no Monte *Mozinho II* (1975-1976). Penafiel, Centro Cultural Penafidelis p. 8 e 10.

¹⁴ SOEIRO, Teresa, 1984 - Monte *Mozinho*. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. 3ª série, I, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel.

¹⁵ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1974 - Escavações no Monte *Mozinho* (1974). Penafiel, Centro Cultural Penafidelis, p. 7.

ser contemporâneo da utilização deste.

Na área escavada pela primeira vez descobrimos, nos quadrados 12 e 13, um outro muro semelhante, também muito destruído que, pela curvatura que apresenta, pouco cuidado de aparelho e falta de consistência do piso interior, poderá ser igualmente de delimitação de uma unidade habitacional, possibilidade a verificar aquando da ampliação da área escavada. Deixámos para o fim uma referência ao curioso sistema de escoamento das águas acumuladas no interior do primeiro circuito defensivo. Os esgotos, vazando a muralha, parecem contemporâneos da construção desta e são mais um elemento a contribuir para a sua fragilização, uma vez que um humano poderia, com não muita dificuldade, penetrar por estas aberturas. Recordámos, da escavação de 1978 e 79, que o canal de esgoto que atravessa a muralha e o reforço era, no espaço entre ambos, formado por paredes de alvenaria bem picada e capeado, permitindo portanto a elevação sobre ele do pano defensivo. O segundo esgoto encontrava o muro de reforço no ponto de junção com a muralha. No penedo em que esta assenta e diante dos dois esgotos parece existirem, entalhados na rocha, dois regos que depois se unem; mais um factor para, por dirigir o escoamento das águas encosta abaixo, explicar a má conservação das estruturas que estivessem diante dele.

A estratigrafia (Fig.4) de toda a área escavada é bastante semelhante, ao menos na sua pouca potência e precaridade de informação. Em alguns locais alcança maior volume, como naquele em que realizámos a primeira leitura, mas isso deve-se ao acumular de entulhos das anteriores campanhas. Pelo contrário, junto da muralha, as camadas de derrube já haviam sido levantadas para permitir a consolidação.

Na primeira das leituras, paralela à vala de 1974, cerca de meio metro recuada, vemos um grande amontoado de entulhos das anteriores campanhas, seguindo-se o primeiro estrato, de terra negra e com muita pedra de construção proveniente do derrube das defesas. Sob este encontrámos uma terra amarelada e saibrosa, ainda com pedras grandes junto da muralha mas, mais afastado desta, sobretudo com pedra miúda. A terceira camada, de terra acinzentada, com pouca pedra pequena e algum pico do trabalho do granito, estende-se apenas entre o reforço da muralha, onde tem maior potência, e o muro que lhe é paralelo. Corresponderá à ocupação da área.

Na segunda leitura, no limite Norte da escavação, reconstituiu-se o perfil completo a partir de vestígios aderentes à face da muralha e de apontamentos antigos, sendo que em 1995 os dois níveis superiores, um de terra vegetal com muita pedra proveniente do derrube e outro, inferior, mais amarelo e saibrento mas ainda com bastante pedra picada, já não existiam. Restava-nos apenas, junto da muralha, um terceiro nível, de terra cinzenta e fina. Para o interior da parede aqui posta a descoberto reencontrámos estes mesmos níveis, a que se sobrepunha o entulho das escavações. Rapidamente, porém, desapareciam as camadas inferiores, deixando que a terra vegetal de superfície pousasse directamente sobre o penedo.

1.2. Espólio

Na escavação de 1974 o espólio recolhido nesta plataforma exterior ao reforço da muralha apresentava já pouca homogeneidade. De fragmentos castrejos a ânforas imperiais antigas e sigilatas hispânicas, tudo se juntava, inclusivamente apareceu um asse do centro emissor hispânico de Calagurris¹⁶. Nessa altura o conjunto de materiais foi analisado, mas faltava ainda conhecer outros sectores do povoado para se aferir da sua significação. Já o mesmo não aconteceu quando,

¹⁶ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1974 - Escavações no Monte *Mozinho* (1974). Penafiel, Centro Cultural Penafidelis, p. 19.

em 1977, foi publicado novo relatório¹⁷. Três anos de trabalho e sobretudo a escavação do sector A haviam revelado a riqueza e variedade de espólio que caracterizam Mozinho, em claro contraste com a escassez e relativa antiguidade dos materiais recolhidos imediatamente no exterior da muralha, considerados dos mais antigos do castro. Aliás, em vários níveis profundos do sector B voltou a surgir este espólio antigo¹⁸.

A escavação de 1995 foi paupérrima em espólio (Fig.5), como aliás seria de esperar dado o pouco volume dos níveis de ocupação e a sua marginalidade. Do que recolhemos, posto de lado o material proveniente dos aterros, obtivemos informação coincidente com aja expressa. O espólio é do mais antigo de Mozinho, castrejo nas formas e fabricos. Um pé de fíbula transmontana não destoa do conjunto.

Predominam os dólios de pasta arenosa e micácea, superfícies alisadas, de tom castanho escuro, em que por vezes brilham partículas de moscovite propositadamente arrastada. Os perfis dos bordos, bem como o fabrico e acabamento, levam-nos a uma comparação não com a cerâmica indígena vulgar no Mozinho da primeira metade do século I dC, que conhecemos dentro da muralha em *a*, *d*, *D* ou *g*, mas antes com materiais comuns a outros castros da região com desenvolvimento anterior à mudança de era.

Os púcaros de perfil em S acompanham o fabrico dos dólios, sendo de salientar a presença de uma original asa em orelha, ímpar neste povoado. Os tachos de asas interiores surgem também nos perfis e fabricos dessa época, que conhecemos na região. Alguns cossiros feitos a partir de fragmentos de vasos completam o leque de produções indígenas, a que se juntam uns poucos fragmentos de ânforas Haltern 70.

Como começámos por dizer, o espólio é diminuto e muito fragmentado, não se encontrando conjuntos suficientemente isolados para o seu estudo ser mais proveitoso, para além da significativa informação que fornecem acerca da existência destes níveis antigos.

2. A re-escavação do subsector BA

Iniciámos em 1997 a recuperação desta área procedendo ao corte sistemático da vegetação que o cobria desde há anos, fazendo-a desaparecer totalmente da vista do visitante e mesmo da observação dos investigadores que se interessam pelo castro. De facto, a actual abordagem de Monte Mozinho a partir das quotas mais baixas da vertente Norte deixa não só que se perceba a imponência da acrópole, no seu posicionamento característico dentro de um povoado castrejo, como permite ainda realçar o papel estruturante da calçada que o atravessa e que suporta a disposição tendencialmente ortogonal do plano das principais estruturas construídas dos sectores escavados.

Conicionados pelo facto de, no momento dos trabalhos, não estarem ainda retirados os montes de entulho, quadriculámos o espaço disponível como se indica na planta (Fig.6) para uma mais fácil referência do espólio, embora tenhamos feito a escavação, sempre que possível, seguindo as unidades criadas pelas estruturas construídas.

Desde início constatámos e lamentámos ausência, nestas quadrículas, de níveis correspondentes à ocupação tardo-romana, pois foram removidos durante as antigas escavações, que desceram até ao alicerce das paredes. Estas, durante cerca de meio século descobertas e ao abandono, foram também esquivas a uma completa leitura, pois em alguns pontos restava apenas a última fiada de pedra, ou mesmo um alinhamento de pedras com face mas sem traço a uni-las, o que tanto

¹⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1977 - Escavações no Monte *Mozinho H* (1975-1976). Penafiel, Centro Cultural Penafidelis, p.8-10.

¹⁸ SOEIRO, Teresa, 1984 - Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. 3ª série, I, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, p. 259 e segs..

pode resultar da prolongada exposição às intempéries como de um *arranjo* feito pelo escavador, com base não sabemos em que critérios.

2.1. Estruturas

Seguramente tardo-romana é a grande construção quadrangular a Nordeste da rua (M97 Q 1), que surgiu totalmente esventrada, até a um nível inferior ao do alicerce, cujo arranque é suportado por pedras salientes e de face menos cuidada. O aparelho interior das paredes é de pequenas dimensões e a colocação das pedras muito incerta. Não conhecemos hoje o piso correspondente à utilização da construção, o que dificulta não só a explicação da pouca qualidade do aparelho, que poderia ser devida ao facto de toda a parede actual lhe ser inferior, ou, por exemplo, à situação do paramento ser rebocado, como bem conhecemos em outros pontos do povoado. A falta de quota interna de utilização e o facto de dois dos lados ainda não estarem escavados pelo exterior, faz com que se mantenham as dúvidas sobre onde localizar a entrada e de como se estabeleceria a relação da construção com as calçadas que a ladeiam.

Pelo interior baixámos até ao solo natural, que em muitos pontos já tinha sido atingido, mas ainda conseguimos recuperar algum espólio, sem contexto, nomeadamente uma fivela em ómega, uma conta de jogo de pasta vítrea azul clara (Fig.7.2 e 3), alguns fragmentos pequenos de sigilata do século I dC, bracarense, branca e cinzenta fina, e de cerâmica comum de gosto romano. Esta limpeza levou-nos ao que restava da parede de uma construção circular e do lajeado circundante (Fig.7.1), vestígios construtivos relacionados com a ocupação antiga que reencontráramos por todo o subsector. Aqui, em locais encovados, preservava-se pouco espólio, mas este era cerâmica castreja, antiga para Mozinho, e rara ânfora.

Numa primeira observação de conjunto parece-nos que estas construções, tanto a antiga como a tardia, deveriam de facto ser enquadradas em outro subsector, já que em ambas as épocas prevalecia a rua calçetada que as separa do restante quarteirão escavado, embora se verifique que as paredes que delimitam esta via sofreram na época mais recente uma ligeira deslocação em relação à disposição primitiva, bem documentada na parede Este que, quando não se adossa à casa, é rebaixada até ao nível do lajeado; e na oposta que, quando não serve de suporte à posterior, é simplesmente soterrada por novos pisos.

A rua (M97Q2), calçetada no primeiro lanço e muito destruída depois por causa de um enorme raizeiro, sobe consideravelmente em direcção ao eixo principal, com o qual entronca. Escavámos alguns níveis neste último ponto, sendo a sequência a habitual, entulho das antigas escavações, terra vegetal então coberta, um nível de derrube, amarelado e com muita pedra, e um outro, cinzento e fino, sobre as lajes. O espólio é sobretudo do último terço do século I dC, cronologia afirmada pelas sigilatas¹⁹ mas também pela presença até à camada mais funda de bracarense (p.e. formas 27 e 36) e de um bordo e gargalo de garrafa quadrangular em vidro verde gelo (Isings 50). Uns, poucos, fragmentos de cerâmica comum do século III/IV dC, certamente caídos, já na zona intervencionada, apartam-se claramente das formas e fabricos do I dC, grandes dólios, vasos de asas interiores evoluídos, panelas, potes, etc.

Prosseguindo para Sudoeste encontrámos aquilo que deveria ter sido um antigo quarteirão, constituído provavelmente por mais do que uma unidade residencial, delimitado num sentido pela rua, em outro pela calçada principal e num terceiro por um alto muro de sustentação de terras, que serve de caixa a nova rua perpendicular à anterior, em quota elevada. No sentido Sudeste impõe-se

¹⁹ A classificação e estudo das sigilatas de Monte Mozinho está a cargo de Teresa Pires de Carvalho, que sobre elas publicou uma monografia abrangendo as exumadas até 1995 (CARVALHO, Teresa Pires de, 1998 - A terra sigillata de Monte Mozinho (Contributo para a história económica do povoado). *Cadernos do Museu*. 3, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel.) e prepara agora o estudo das restantes, incluindo as sumariadas neste relatório. Agradeço a colaboração e a disponibilização dos dados.

apenas o limite artificial criado pela marcação da escavação.

Tardo-romanas são as construções de paredes rectas visíveis em 3, 4 e 5, já antes escavadas até abaixo dos alicerces. Dois *antoninianos* de Galieno²⁰, embora avulsos, apontam para uma cronologia bem na segunda metade do século III dC, que infelizmente não corroborámos com outro tipo de espólio estratigrafado, por este ter sido já retirado aquando da primeira escavação.

Antoniniano - Gallienus, Roma, 267-8

A) GALLIENVS AVG

cabeça radiada à direita

R) [DIAN]AE CONS AVG XI

RIC 181

Antoniniano - Salonica (sob reinado conjunto de Valerianus I e Gallienus), Roma, ant. a 260

A) SALON[INAAVG]

busto diademado com manto à direita; em baixo, crescente

R) IVN[0 RE]GINA RIC 29; Cunetio 651

De momento interpretámos o desenho final do espaço 3, em L, como um átrio, com entrada directa a partir da calçada, através do qual se passaria para o compartimento 4, quadrangular, comunicando pela porta de que nos ficou a soleira, uma placa de granito alisado e com a marca do assento das ombreiras. Este último não tem piso de utilização, e aqui ficou enterrada, apenas para melhor se preservar, uma pia rectangular achada durante as antigas escavações.

Já até 5, recanto rectangular aparentemente aberto, se chegaria facilmente pela passagem 7, rua na época tardia. Todas estas construções, de aparelho bem picado mas assente em sapatas de fiadas irregulares, sobre camadas de terra, estão bastante danificadas, ficando patente na estratigrafia de 6 (Fig.10.1) a existência de potentes capas/pisos em saibro, que nivelaram quase todos os vestígios anteriores, criando um novo solo de ocupação, totalmente subtraído dentro dos compartimentos pela escavação de Elísio Ferreira de Sousa.

Curiosa é a adaptação da parede da construção circular de 6 à parede do compartimento tardio 5, uma vez que esta lhe passa por cima, anulando o arco de círculo que fica no seu interior, mas ao mesmo tempo, recebe na face exterior o encosto da parede circular refeita nas fiadas superiores. Aliás, a parede tardia poderá ter rematado mesmo sobre a circular, criando uma composição que nos é difícil de explicar funcionalmente (Fig.8.1).

Ao lado da construção circular, o muro do núcleo foi anulado, ficando enterrado sob camadas de terra e saibro em que assenta o compartimento tardio. Trata-se da parede primitiva que ladeava a rua, na época tardo-romana substituída por outra, desviada cerca de um metro.

Transfigurada por estas adaptações tardias, vislumbramos a planta antiga desta casa-pátio: com o seu longo muro divisório (ora enterrado ora reaproveitado) a delimitar a rua; um muro arredondado no ângulo Norte de 3, sob os quadrangulares, de delimitação do quarteirão mas simultaneamente de habitação, uma vez que pelo interior o seu aparelho de pedra muito miúda se acha coberto por um espesso reboco; uma terceira parede perpendicular à anterior e logo interrompida por destruição; e por fim a casa circular, ainda com o seu sólido piso em saibro calcado sobre o qual se acharam pequenos fragmentos de sigilata hispânica do terceiro quartel do século I dC e alguns

²⁰ Agradecemos mais uma vez a classificação das moedas de Mozinho, bem como os comentários pertinentes, ao colega Rui M. S. Centeno.

restos de objectos em bronze.

Mas, mesmo que a construção no recanto de 3 seja um compartimento sub-rectangular, existiria entre este, a construção circular e o outro muro do núcleo/casa 8 a 10 demasiado espaço vazio. O centro dele pode interpretar-se como pátio, para o qual abriria a porta daquele, mas ficámos com a sensação de que qualquer outra construção teria daqui desaparecido.

Este último núcleo/casa tem a rodeá-lo, por dois lados, a parede que suporta os arruamentos, em pedra de média dimensão, que teve de ser reforçada no traçado da curva por uma segunda face interna, certamente a fim de garantir a sua capacidade para sustentar todo o peso de terras que implica a grande diferença de quota em relação ao lajeado da rua. Um muro recto separa estas construções do grupo anterior, muro esse que originalmente dispunha de uma porta, depois encerrada com pedras (Fig.8.2). A quarta frente está por escavar, como se indica na planta. Uma casa circular (Fig.9.1) apenas emerge dos limites da escavação, estando pelo interior à altura do piso, em saibro²¹. Todo o recanto 9, sob a curva da calçada, parece ter sido descoberto e apresenta como superfície de utilização o afloramento granítico, aliás com uma grande mancha de forte calcinação e um lajeado contíguo.

Já a construção 8 nos levanta mais problemas. É que parece ter duas fases de elaboração, uma primeira com pedras mais miúdas, em que as paredes vão divergindo levemente desde o suporte da calçada ao qual encostam, e uma segunda, de aparelho com pedras algo maiores e colocadas com tendência à horizontalidade, apresentando na esquina um cunhal bem talhado (Fig.9.2).

Teríamos assim, em síntese, pelo menos uma ocupação tardo-romana, provisoriamente atribuída aos últimos decénios do século III, início do IV dC, esventrada pelas antigas escavações. Quando ela se ergueu os muros anteriores estariam certamente ainda à superfície, pelo que são muitas vezes reaproveitados e tendencialmente respeitados os seus alinhamentos, ou então arrasados até quota baixa e soterrados por camadas de terra e saibro sobre as quais se levantam os novos alicerces.

Na base deparamos com um panorama de casas-pátio, com as suas construções circulares e sub-rectangulares organizadas em redor de espaços abertos e por vezes lajeados, delimitados por parede envolvente. O espólio, particularmente de 10/11, não deixa grande margem a dúvidas quanto a, no arranque, estarmos num momento do primeiro terço do século I dC, com três numismas, dois asses de Augusto e um *denario* de Tibério, acompanhados por objectos metálicos e cerâmicas comuns em consonância. Este conjunto é em tudo comparável aos níveis mais profundos dos sectores antigos do povoado como o *a*, *d*, *D* e o *g*.

Asse - Augustus, NO Hispânia, 26-25 aC

A) IMP AVG DMIF

cabeça descoberta à esquerda, entre caduceu alado e palma

R) Caetra

Villaronga 4; RPC 4

Asse - Augustus, Calagurris, 27-2 aC

A) MVN CAL-AG IMP-AVGVSTV

cabeça descoberta à direita

²¹ Aquando da consolidação das estruturas construídas de Mozinho, em Janeiro/Abril de 1998 (veja-se QUEIROGA, Francisco M. V. Reimão, 1998 - Monte Mozinho: questões e opções na preservação do sítio. *Cadernos do Museu*. 2 Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, p. 243-266) vimo-nos obrigados a alargar este recanto da escavação para atingir a parede de suporte que estabiliza a contenção de terras da rua, pelo que esta construção está agora visível em pouco menos de metade da sua área.

R) Touro à direita; em baixo C-MAR-MVAL; em cima PR II VIR
RPC 440; Vives 158/6

Denário (forrado?) - Tiberius, Lugdunum, 31-37

A) TI[CAESAR D] MI - AVG F AVGVSTVS

cabeça laureada à direita

R) PONTIF - MAXIM

Lívia no trono à direita, sobre uma linha

RIC² 30

Sobre o anterior, e antes da acumulação de terra e do nivelamento tardio, temos as camadas mais problemáticas, não quanto à datação, pois o espólio cerâmico, abundante e rico, é por demais característico do período claudiano final - flávio, o mais conhecido em Mozinho, mas por não lhe corresponderem novas construções ou grandes remodelações, a não ser a reformulação da casa 8, com alargamento para um grande edifício rectangular, e o fechar da porta existente no muro divisório.

A estratigrafia de 7 (Fig.10.2)) apoia esta interpretação, ao mostrar no nível terceiro abaixo dos alicerces tardios uma camada de terra castanho-amarelada, com muita pedra miúda, pedaços de telha rolada e espólio, sobre o qual temos outra camada de terra castanho-negra, também com espólio. No extremo da escavação, em 6, também se verifica que sobre o muro recto antigo, mas abaixo dos alicerces tardios, há camadas com espólio de época flávia e mesmo um piso de saibro/barro, calcado e avermelhado por ter servido de lastro de lareira, sobre o qual ficou uma camada de carvões e cinzas.

2.2. Estratigrafia e espólio

Como repetimos antes, porque a escavação antiga afectou profunda, mas desigualmente, todo este subsector, apenas pudemos recolher conjuntos de materiais não tocados em algumas bolsas por violar, debaixo dos montes de entulho, ou nos níveis mais profundos.

Assim, se por exemplo em 3 deparámos, sob o monte de pedra para ali atirada, com alguns fragmentos cerâmicos tardios e mesmo as duas moedas mencionadas, este horizonte da segunda metade do século III dC está, no demais espaço, muito pouco representado. Neste mesmo recanto do primitivo núcleo, em que os muros antigos surgiram sob os recentes, reconhecemos três níveis com materiais do século I dC, não isentos de interferências. No mais fundo são significativos os restos do trabalho do ferro e do bronze.

As sigilatas do mais alto destes níveis são hispânicas da segunda metade do século I dC, a bracarense está presente na forma 36 com aguada cor de lagosta e aba roletada, temos ainda vasos fechados de pasta branca com superfície pintada, púcaros de cinzenta fina brunida, louça comum romana e um peso de tear de secção quadrangular.

Segue-se um nível em que as tigelas e os pratos Drag.18/31 em sigilata sudgálica já acompanham as hispânicas (Hisp. 4, Drag. 29, 29/37 e 37) e as bracarences (imitação da forma 29 e 36 com aba roletada). Aqui destacámos também parte de uma lucerna com bico triangular, volutas pouco desenvolvidas, aletas laterais e margo descendente em volta do disco decorado com motivo concheado, idêntica a outra recolhida no sector BB (Fig.14.7). Um bordo de almofariz da forma Dramont DI, vasos fechados, um bico de almofariz e pratos com engobe laranja, um peso de tear e um grande recipiente (Fig.11.1) em pasta bege arenosa e bem cozida, com muita mica à superfície, o que a torna castanha/dourada, fabrico idêntico a vasos encontrados na Bouça do Ouro, Boelhe.

Acresce a esta a cerâmica de tradição castreja, que será a predominante no nível mais fundo, como dólios em pasta arenosa cinzenta, vasos de asas interiores, uma panela com asas em orelha evoluída e duas mais comuns, restos de púcaros, etc. Ilustramos apenas três peças metálicas, um alfinete de cabelo, um pequeno cravo e o aro de uma fíbula (Fig.7.4 a 6).

Os compartimentos seguintes, 4 e 5, tinham sido escavados até ao natural em quase toda a área, pelo que o pouco material recuperado carece de interesse.

Já em 6 a escavação não chegara, em parte, às camadas mais profundas, abaixo dos alicerces. Ficara-se, como lemos no corte agora limpo (Fig.8.1 e 10.1), pela terra vegetal (1), camada castanha clara com pedra pequena (2) e capas de saibro que servem o alicerce tardio (3). Ao aprofundar a escavação nesta pequena área que vai da construção circular ao final da quadrícula reconhecemos, entre aquela e o muro arrasado, um nível (4) que pode estar relacionado com o piso e lareira com os seus resíduos, já do século I dC, visível sob o saibro do aplanamento, mesmo em contacto com ele. Cobriria o muro antigo, que tem entre ele e a construção circular uma forte camada de derrube (5).

Seguem-se, naquilo que seria o espaço exterior ao muro do quarteirão primitivo, duas camadas de tom cinzento, com carvões e bastante espólio (6 e 7), uma bolsa alongada de cascalho (8) e por fim uma terra cinzenta clara fina, com pedra pequena (9), que repousa sobre o saibro da base. Quando a escavação vier a ser alargada neste sentido certamente que compreenderemos melhor este espaço e estratigrafia exterior ao velho muro, ao qual encostam as últimas camadas de terra.

O espólio recolhido neste recanto tem dois momentos principais, contínuos, embora a segurança na sua recolha não seja demasiada. Assim, separaremos por um lado os materiais dos níveis que cobrem o muro soterrado, possivelmente relacionados com a lareira e ainda com a utilização da casa, à parede da qual encostam, em que predominam claramente os itens característicos do último quartel do século I dC; e por outro lado os níveis de terra cinzenta, mais fundo, relacionados em simultâneo com a construção circular e o muro do quarteirão, depois anulado. Alas, o espólio estava quase todo na área exterior a esta parede, eventual espaço de rua ou tendo relação com algo que ainda está por escavar.

Voltamos assim, em primeiro lugar, ao quadro das sigilatas hispânicas das formas Drag. 157 17, 29, 30, 35, 35/36, 36 e tigelas lisas, bracarenses das formas 35 e 36 com aba roletada, vasos fechados em cerâmicas de pasta branca, cinzenta fina, etc, sendo a cerâmica comum romana a dominante, com formas características como os jarros trilobados, anforetas e os almofarizes (pasta arenosa bege/rosada coberta por aguada branca e pasta laranja bem cozida, com superfície áspera com areias visíveis Fig.11. 3 e 2), além das panelas de lume, caçarolas e taças com interior coberto por aguada vermelha (Fig.11. 5 a 8).

Nas camadas inferiores predominam as ânforas de vários fabricos e a cerâmica de tradição castreja, dólios de parede e fundo com reforço, panelas, vasos de asas interiores (Fig.11.9) e púcaros. Está também presente uma taça gomada de vidro transparente azulado e alguns púcaros de cerâmica cinzenta fina. As sigilatas, a cerâmica bracarense e a branca rareiam, bem como a comum romana. Pregos e restos do trabalho do ferro, o arco de uma fivela em ómega e uma conta polilobada em pasta de vidro azul claro, idêntica à da Fig. 13, fecham esta enumeração sumária.

O espaço 7 parece ter sido uma rua na época tardia, flanqueada por paredes e rematando na calçada principal para a qual dificilmente daria acesso, uma vez que ao muro do quarteirão antigo, útil também como parede de contenção, se acrescentou tardiamente uma segunda parede.

Depois da limpeza verificou-se que a parede Nordeste já tinha os alicerces à vista, assentes sobre camadas de terra, sendo de época tardo-romana, enquanto a oposta mergulhava fundo, encostando-se-lhe perfeitamente as camadas mais antigas sobrantes.

A leitura estratigráfica (Fig.10.2) foi realizada no lado preservado pelo muro tardio, começando a contagem dos níveis apenas abaixo do alicerce daquele. A primeira camada é de terra castanha, às bolsas, e contacta directamente com as pedras da parede. Forneceu pouco material, do final do século I início do II dC, de entre o qual sobressai um fragmento de vaso fechado em cerâmica cinzenta fina com gargalo e arranque de asa trilobada.

O segundo nível é de terra castanha escura, compacta, com alguma pedra miúda e espólio. Um fragmento de lucerna, sigilata sudgálica Drag. 18/31 e uma tigela com resto de marca, hispânica das formas Drag. 27, 29, 29/30 e 37, bracarense (da forma 36 e vasos fechados), alguma cerâmica de pasta branca, pequenos pedaços de ânforas e cerâmica comum romana de entre a qual desenhámos um testo(?) em pasta arenosa fina, bege acastanhada, alisada e com aguada avermelhada no exterior, que é também decorado por um meandro inciso (Fig.11.10).

O terceiro é uma amálgama de terra negra com terra castanha e manchas amarelas, com muitos fragmentos de telha pequenos e rolados, que mais parece um enchimento para aqui atirado, não fosse a grande riqueza e coerência do espólio, que permite bastantes colagens. Estamos perante um conjunto que nada fica a dever às melhores colheitas realizadas no sector A ou C, e se assemelha mesmo pela sua composição muito com aquelas. São os restos de ferro e particularmente de uma grande faca ou falcata, os mais de quarenta fragmentos de sigilata, dos quais 90% de hispânica, muitos de vasos decorados, as bracarense engobadas e/ou decoradas das formas 24/25, 29, 35 e 36, um jarro trilobado e outros vasos fechados em pasta branca lisos e pintados, púcaros bastante completos de cinzenta fina brunida, ânfora de diversos fabricos e formas e cerâmica comum romana como almofarizes, anforetas, pratos de lume e outros cobertos por aguada vermelha, jarros trilobados, cântaros e panelas. O grupo de vasos de tradição castreja consta de grandes dólios em pasta cinzenta arenosa, dólios médios, de tom mais claro e mica à superfície, vasos de asas interiores, panelas de lume, grandes potes e púcaros, aos quais pertencerão as asas bilobadas, ambos também com mica à superfície.

A grande casa rectangular 8 estava escavada até ao saibro natural, por vezes abaixo do alicerce interno, sendo por isso o espólio parco e com mistura de restos dos séculos I e III/IV dC. Fixámos a porta no lado menor voltado para o centro do quarteirão, embora restem dúvidas por esta parede estar abaixo do piso interno de utilização. Entre a pedra amontoada havia bocados de mó e cabide. Já a Sul da casa, e até ao limite da escavação, os níveis arqueológicos estavam menos mexidos. O primeiro, de terra castanho escura, o segundo de terra escura com muitos carvões e bastante espólio, semelhante ao terceiro de 7, encostava ao muro longo e ao da casa rectangular.

De pedra temos um tríscolo vasado, incompleto²². Em bronze recolhemos uma fivela em ómega (Fig.12.1) e dois aros de outras, bem como um alfinete de cabelo (Fig.12.2) e um remate de cinto ou correia formado por duas chapas finas unidas por rebites (Fig.12.3). O ferro surge como resto de trabalho e algumas peças, como pregos e ganchos. Para a cerâmica vale o antes comentado sobre o espólio de 7.

Entre a casa rectangular e o muro que delimita o quarteirão e sustenta a calçada está o espaço 9, já escavado até ao natural, seja ele o afloramento granítico ou o saibro. Apenas perto da esquina da casa se pode ver um resto de lajeado. Não deu espólio significativo. Já o contíguo 10 é uma quadrícula que recupera o antigo limite da área escavada, recuando o qual se fez uma leitura estratigráfica, entre a construção circular que começava a aparecer e o lajeado de 9 (Fig.9.1 e fig. 11.3).

²² CALO LOURIDO, Francisco, 1998 - Peculiaridades plásticas do Monte Mozinho. *Cadernos do Museu*. 2, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, p. 157 e 184 n.º 9.

A primeira camada (0) era de entulho das antigas escavações, seguida pelo antigo vegetal, no qual já aflorava o muro circular. O segundo estrato mostrava terra castanha, com espólio, encostando à parede anterior. O terceiro revelou-se o mais rico. A terra cinzenta, com muito espólio e outros restos de habitação, cobre os alicerces encostando à parede circular, e sobrepõe-se também ao lajeado. No fundo, onde há baixas, deparámos com uma terra mais barrenta e amarelada, sobre o natural que aqui é saibro, interrompida por manchas do nível anterior que enchem covas pouco fundas. Depois do período de escavação, aquando do restauro e uma vez retirado o amontoado de pedras que tornava o trabalho demasiado perigoso, foi possível completar o alinhamento da quadrícula até ao muro do quarteirão, por trás da construção circular, local designado por Q 11.

A impressão geral sobre o espólio destas quadrículas continua a assemelhar-se bastante ao que conhecemos de A, a presença marcante de materiais romanos da segunda metade do século I dC, mas sem exclusão dos de tradição castreja, importações e mesmo numismas mais antigos, como se a ocupação deste ponto fosse um contínuo sem grandes remodelações e sobressaltos na componente construída.

As três moedas de Augusto e Tibério, a fíbula de charneira Ettlínger 28 (com arco triangular que num extremo se dobra sobre o eixo em ferro, no outro termina em pé curto com dois remates laterais de botão Fig.12.4) e a fíbula Aucissa Ettlínger 29 (Fig.12.5) estão mais de acordo com a utilização de cerâmica comum castreja, como os grandes dólios em pasta arenosa com superfícies cinzentas e alisadas, paredes reforçadas por toros e fundo também reforçado (Fig.12.6 a 8), os púcaros e copas, os pratos em pasta arenosa fina castanha, alisados pelo interior e com fuligem na outra face (Fig.12.9 e 10) e as ânforas de muito variados fabricos e formas, com seus testos, como só temos nos níveis antigos do castro.

Por outro lado temos os vidros, como o bordo dobrado de um frasco ou pote (?) transparente com tom azulado (Fig.12.11), um fundo de taça gomada semelhante e uma parede curva, incolor, com dois filetes gravados, outra em vidro verde musgo e uma última em tom mel. Entre os fragmentos de sigilata predomina o fabrico sudgálico, nas formas Drag. 18/31, 24/25, e 27, enquanto as sigilatas hispânicas se limitam às formas mais antigas Drag. 15/17, 27, 29 e 29/30. De paredes finas recolhemos um bordo e parede em pasta branca coberta de aguada laranja, decorada com escamas de pinha, enquanto que a bracarense continua a ser abundante nas formas 24/25, 29 e 35 e em vasos fechados com o mesmo engobe cor de lagosta. A cerâmica de pasta branca e a pintada surgem sobretudo em imitações da Drag. 36 e em vasos fechados.

Se entrarmos no domínio da cerâmica comum mais grosseira temos os almofarizes, de diferentes fabricos, de que ilustrámos um em pasta arenosa castanho-clara e superfícies ásperas de tal forma que as marcas da roda servem de estrias (Fig.12.15) e um outro em pasta com grãos brancos, muito dura e com superfícies ásperas (Fig.12.16); as mais de três dezenas de panelas de lume como a da Fig. 12.12 em pasta arenosa castanha, alisada; as caçarolas no mesmo tipo de fabricos (Fig.12.7), com pegas laterais; os cântaros de tons claros com as suas asas verticais; as taças em pastas bege-acastanhadas, bem cozidas e de superfícies alisadas, que tantas vezes lembram a forma 36 (Fig.12.13) e mais raramente possuem um pé alto (Fig.12.14), as anforetas, os poucos jarros trilobados; e os pratos em pasta arenosa, uns mais finos e/ou com as superfícies bem alisadas e cobertas por aguada laranja, outros utilizados no lume, cobertos de fuligem.

Nestes quadrados recolheram-se ainda numerosos pregos, pequenas chapas e restos de trabalho do ferro.

3. A limpeza do subsector BB

Este subsector fica localizado face ao anterior, do outro lado da *avenida*. Nele se incluem, de

facto, dois grupos de construções, divididos por uma rua perpendicular ao grande eixo do povoado. O primeiro, a Sudoeste da rua, é aquele que vemos claramente na fotografia publicada por Elísio Ferreira de Sousa em 1954²³, reproduzida na Fig.2. Escavado até ao natural, e restaurado então, limitamo-nos a repor as paredes e respectivas entradas tal como se vêem na fotografia e de acordo com os vestígios em presença. Apenas os compartimentos junto à *avenida* foram reescavados, confirmando-se aqui a inexistência de níveis arqueológicos, embora tivesse sido recolhido algum espólio nas terras revolvidas, incluindo um *nummus* de Constantino I:

Nummus - Constantinus I, Roma, 313

A) IMP CONSTANTINVS PF AVG

B¹

R) SOLI INV - I - CTO COMITI RIE

RT

RIC2

Ao trazermos à luz o troço da *avenida* que confronta com estas construções, no ponto em que entronca com a rua, confirmámos a existência de um murete que faria a esquina, ainda que seja pouco clara a função desse grande compartimento (no qual preservámos um sobreiro), tal como está, demasiado aberto para ambas as artérias e sem passagem para os posteriores.

A construção circular no seu recanto Norte também já fora esventrada, não tendo espólio nem restos de utilização. Parece um forno ao qual, numa segunda fase, teria sido encerrada a porta, completando-se o perímetro da parede, situação que pode ser lida sobretudo no paramento interior.

*

Do outro lado da rua e também faceando a *avenida* redescobrimos três compartimentos rectangulares. O mais interior e a Norte estava totalmente escavado, dos outros havia apenas apontamentos, porque este era o local de um dos grandes amontoados de entulho proveniente das velhas escavações. Numerámo-los de 3 a 5.

O compartimento 3 faz esquina com a *avenida* e a rua perpendicular a esta. Já parcialmente escavado, como dissemos, forneceu-nos apenas os níveis inferiores, solos de utilização. Tem como aspecto construtivo relevante a forma que tomam as suas paredes ao fazer a esquina. Sendo em todas as faces paramentos incertos de granito, nos segmentos junto do ângulo com os arruamentos a parede, quase à quota destes, remata por uma espécie de soleiras feitas em grandes blocos, nas quais existe um rasgo profundo, como que um encaixe. O cunhal seria em pedra, comportando-se como pilar entre estes originais vãos (Fiig.13.1).

Não ficam por aqui as novidades deste compartimento, pois nele se descobriu um forno rectangular, com paredes em granito e lastro feito com pedaços de tégula colocados em posição invertida, como se pode ver na mesma fotografia. A boca deste forno abria para o compartimento ao lado, tendo sido uma antiga parede meeira desmontada neste lanço para lhe dar acesso.

O restante deste espaço 3, certamente um local de trabalho, tinha o chão em parte feito de saibro bem calcado, no restante lajeado. Foi sobre este solo de utilização que recolhemos três numismas, *antoninianos* de Cláudio II, apontando para uma datação desta construção, pelo menos nesta fase, dentro do último terço do século III dC:

Antoniniano - Claudius II, Roma, 269

²³ SOUSA, Elísio Ferreira de, 1954 - Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mòzinho. *Douro Litoral*. 6ª série, 5-6, Porto, Junta de Província do Douro Litoral, p. 136-149.

A) IMP C CLÁVDIVS AVG]

(F)

R) SALVS AVG

RIC98

Antoniniano - Claudius II, Siscia, emissão IIIa, 269-70

A) [...CLAV]DIVSAVG

(F)

R) [AEQVITAS AVG] III

RIC -; Cunetio 2301, Normanby 1071

Antoniniano - Divius Claudius , Roma, 270 - 1ª metade 271 A)

DI[VO CLAV]DIO

(K)

R) CONSECRATIO

altar quadrangular aceso

RIC 261

A quantidade de restos de trabalho do metal, de que recolhemos amostra para análise, sobretudo escórias ferruginosas, bem como o achado de dois fragmentos de um cadinho cerâmico com muitas concreções no exterior (Fig.13.2) levam-nos à hipótese de estarmos diante de uma oficina. Os pregos e cavilhas achados podem estar presentes por aqui terem sido fabricados, ou apenas por razões de uso (Fig.13.3 e 4).

O espólio cerâmico não era muito, predominando o do baixo-império, de entre o qual desenhámos o bordo de um grande dólio romano, em pasta homogénea com grãos brancos, castanho-avermelhada, bem cozida e de superfícies ásperas embora alisadas (Fig.14.1). As grandes prateiras com largas abas, os pratos de lume e os púcaros e copos, que tão bem conhecemos dos cemitérios desta época também fazem parte deste conjunto.

Além da discutível abertura para os arruamentos, o compartimento 3 tem uma porta para o lado inverso, que dá passagem para um lajeado que se prolonga até à entrada do compartimento seguinte. Apesar de ter uma parede que acompanha a avenida, também o espaço 4 está voltado em sentido contrário. Ou melhor, abre para o centro de uma possível casa, ainda parcialmente por escavar. Não tem parede para este interior, nem apresentava pisos, parecendo pois um espaço aberto.

O espólio das áreas não remexidas é de características tardias. Ilustrámos na Fig.13.5 e 6 uma das duas pequenas contas cordiformes em pasta vítrea translúcida azul-petróleo e mais uma conta oblonga gomada de pasta vítrea opaca azul clara, idêntica às que recolhemos em BA e noutros pontos do povoado.

De entre os materiais cerâmicos destacamos uma bacia em pasta castanha com grãos brancos, cozedura homogénea e superfícies alisadas, ásperas (Fig.14.2), um fragmento espesso, cinzento, com exterior alisado e interior coberto por vidro incolor, um vaso fechado, com pelo menos uma asa (Fig.14.8) e um prato em pasta castanho-clara, relativamente fina, coberto por aguada acastanhada.

Para rematar a escavação, face à grande casa quadrangular por onde iniciámos BA, nesta área em que a *avenida* continua bem definida mas já perdeu o lajeado, temos novo compartimento rectangular, com porta para a via. Junto da parede, parecendo ter descaído lentamente do telhado,

estavam grandes pedaços de tégulas e uma lousa de formato trapezoidal, mais acentuado do que o daquelas, que poderia ter servido de beiral do telhado.

Também das capas superficiais procede um capitel toscano em granito de grão grosso semelhante ao local, com ábaco liso e equino em toro, seguido por quarto de círculo e gola muito pouco marcada. Este é o tipo de capitel mais comum em época romana nesta área, com múltiplos exemplos publicados não só de Mozinho como, por exemplo, da Bouça do Ouro (Boelhe), Penha Grande (Abragão) e Montes Novos (Croça).

A cronologia desta construção coincide com a das anteriores, tendo sido referenciados mais quatro *antoninianos* de Galieno e Cláudio II, reforçando a datação dentro do último terço do século III dC:

Antoniniano - Gallienus, Roma, 266

A) G[ALLIENVS AVG]

(K)

R) IND[VLGENTIA]AVG |X|

RIC 206; Cunetio 1284

Antoniniano - Claudius II, Roma, 269

A) [IMP] C CLAV - DIVS AVG

(F)

R) [FIDES E]XERCI

RIC 36; Cunetio 2168

Antoniniano - Claudius II, Milão, 269

A) IMP CUW DIVS PF AVG

(A)

R) [PA] - X - AVG T

RIC 157; Cunetio 2263

Antoniniano - Divius Claudius , Roma, 270 - 1ª metade 271

A) DIV[0 CLAV]DIO

(K)

R) [CO]NSECRET[IO]

altar quadrangular aceso

RIC 261

O espólio tem, neste espaço 5, dois níveis bem distintos, os que se relacionam com esta ocupação tardia, e os estratos mais profundos (5), em que os materiais do século IdC se impõem em toda a riqueza e variedade de Mozinho. Deste grupo ilustrámos apenas uma lucerna de bico triangular, com volutas pouco desenvolvidas, aletas e disco decorado por concheado, e um outro fragmento com arranque de asa (Fig.13.7 e 8).

Importa-nos mais destacar, por pouco estudados em Mozinho, o conjunto de cerâmica comum tardia (Fig.14), com as suas pastas cheias de grãos brancos, muito bem cozidas, mas com acabamento descuidado, excepto quando estamos diante das prateiras de larga aba ou de outros vasos de mesa, perante os quais não podemos deixar de evocar as formas e o aspecto das sigilatas tardias e de outros fabricos importados (Fig.14.3).

Aguardaremos por novas campanhas para perceber como se desenvolve esta casa, agora só parcialmente escavada, que faz parte de uma etapa de Mozinho mal conhecida, porque apenas trabalhada há cinquenta anos, mas cujo espólio em nada desmerece a pujança já demonstrada à sociedade para o primeiro século do povoado. O hiato no conhecimento sobre o seu destino entre um e outro momento continua um desafio.

*

A limpeza da *avenida*, a Sudoeste deste tramo entre *BA* e *BB*, parcialmente por escavar, proporcionou o achado de algum espólio, de entre o qual destacamos um fino bordo de sigilata itálica, forma Pucci XXV, augústea, e uma conta de jogo em pasta vítrea verde musgo.

Também na limpeza, mas mais próximo de *BC*, surgiu um *nummus* de Constantino II:

Nummus - Constantinus II Caesar, Treveri, 323-4

A) CONSTANTINVS IVN[NOBC]

B¹

R) [CAESARVM] NOSTRORVM

Dentro da coroa de louros VOT / X [?] TRU

RIC 441

Dos níveis remexidos e amontoados procedem duas peças de plástica castreja sobre pedra, uma prisão e uma ombreira decorada com espinha, ambas incluídas no inventário de Francisco Calo Lourido²⁴

4. A casa nas abas do castro

O trabalho de escavação desenvolvido em Mozinho no ano de 1996 [PNTA002130/96/IPPAR-PJ], focalizou-se numa área nova, exterior ao último circuito de muralhas, contígua à (s) necrópole(s) conhecida(s).

Ficou esta opção a dever-se a duas circunstâncias perturbadoras, a que tivemos de dar resposta. A primeira das ameaças decorreu das características do Outono/Inverno de 95/96, muito chuvoso, que transformou os caminhos do monte em corgas, provocando neles grande erosão. As águas, que desciam velozes a costa, deixaram a descoberto, no caminho térreo que ligava a estrada asfaltada ao alto do monte, a crista de um muro. Sendo este um local de passagem para pessoas e sobretudo para os tractores, muitas vezes carregados de madeira, pareceu-nos perigoso deixar a estrutura à superfície mas não suficientemente visível para levar quem por aqui transita a agir com o necessário cuidado. A outra ameaça a esta franja Norte de Mozinho proveio da venda da Quinta de Vilare da sequente transformação desta área de lavoura tradicional numa moderna vinha. A estrutura posta a descoberto tornou claro aos olhos de todos que, de facto, os trabalhos de remodelação do terreno tinham avançado para a zona mínima de protecção legal a um imóvel classificado, ratificando assim publicamente o embargo imposto pela autarquia e aceite pelo proprietário.

*

Dissemos que esta é uma área exterior às muralhas e mesmo à zona de enterramentos conhecida, mas contígua a esta, pelo que, embora fora do castro, será indissociável da sua história, tendo este posicionamento paralelos em outras estações deste tipo no Entre-Douro-e-Minho e Galiza. À construção agora escavada seguem-se provavelmente outras, subindo a encosta, ao lado e no leito do caminho, como deixam entender as cristas das paredes que já afloram.

²⁴ CALO LOURIDO, Francisco, 1998 - Peculiaridades plásticas do Monte Mozinho. *Cadernos do Museu*. 2, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, p.155 e 183, nºII e p.152 e 181, nº 64

4.1. Estruturas e estratigrafia

A estrutura construída, já evidente junto do caminho, foi a única escavada em 1996 (Fig.16.1). A quadrícula lançada revelou que sob o leito do caminho não havia, neste ponto, outras edificações.

No espaço do quadrado 1, a terra vegetal cobria directamente o saibro base. As três quadrículas seguintes (2 a 4) incidiram no leito do caminho que, muito desgastado, forneceu exclusivamente detritos modernos nele lançados para tapar as regueiras e permitir o trânsito. Apenas junto da parede surgiram algumas pedras de construção caídas e telhas fragmentadas. O alinhamento de quadrículas 5 a 7 incidiu no interior da construção. Já as 8 a 10 recaíram parcialmente no interior e maioritariamente sobre a área contígua.

O edifício posto a descoberto (Fig.17.1 e 2) tem planta rectangular (8x6m), apresentando a porta provavelmente voltada a NE, segmento da parede mais destruído. Está isolado, embora provavelmente existam, como mencionámos, outras construções pouco afastadas.

As paredes, dobradas, são em aparelho de blocos grandes se comparados com os mais habitualmente utilizados no castro, com face bem picada, colocados horizontalmente mas sem que as fiadas sejam demasiado correctas, obrigando a irregularidade do contorno dos silhares à introdução de pequenas pedras e cunhas para colmatar as juntas. Para Norte e Nordeste, a parede conserva-se menos bem, afectada pelo posicionamento favorável à pendente. Neste lanço existe, ao nível do piso interior, uma pedra mais larga, muito desgastada, que poderá indicar o sítio da porta.

Do lado oposto ao caminho, o saibro de base mostra uma regueira mais funda, em que se acumulou terra negra e por onde certamente outrora corria água. Esta dificuldade teria levado a que, deste lado, a parede da casa fosse assente sobre uma sapata de pedras irregulares, mais larga, visível pelo interior, abaixo do piso, e sobretudo pelo exterior. Assim se terá conseguido a firmeza necessária para a erguer, ao mesmo tempo que ficava mais protegida contra as enxurradas.

O piso interior foi feito com um traço composto de pedra triturada, telha, também partida em pequenos pedaços, e saibro, argamassa que também vemos pelo exterior no lado da encosta, talvez para melhor proteger esta parede. Aliás, toda a estrutura aproveitou um rebaixamento no saibro para se encaixar.

Como mostra a leitura estratigráfica longitudinal (Fig.16.2), às terras vegetais segue-se um nível de derrube, com terra amarelada pelo muito barro que se lhe mistura, juntamente com a pedra miúda e os grandes blocos caídos das paredes. No fundo desta camada existe um compacto de telhas e ímbrices, indicador de que o telhado derruiu, abandonado, sem que a cerâmica de cobertura tenha sido retirada com vista a posterior utilização. Entre este e o piso ficou uma fina capa.

Pelo exterior da face oposta ao caminho, o alicerce é acompanhado pelo entulho acumulado no rebaixamento do saibro onde corria uma linha de água de vertente. A terra negra que o preenche contém fragmentos cerâmicos muito rolados.

4.2. Espólio

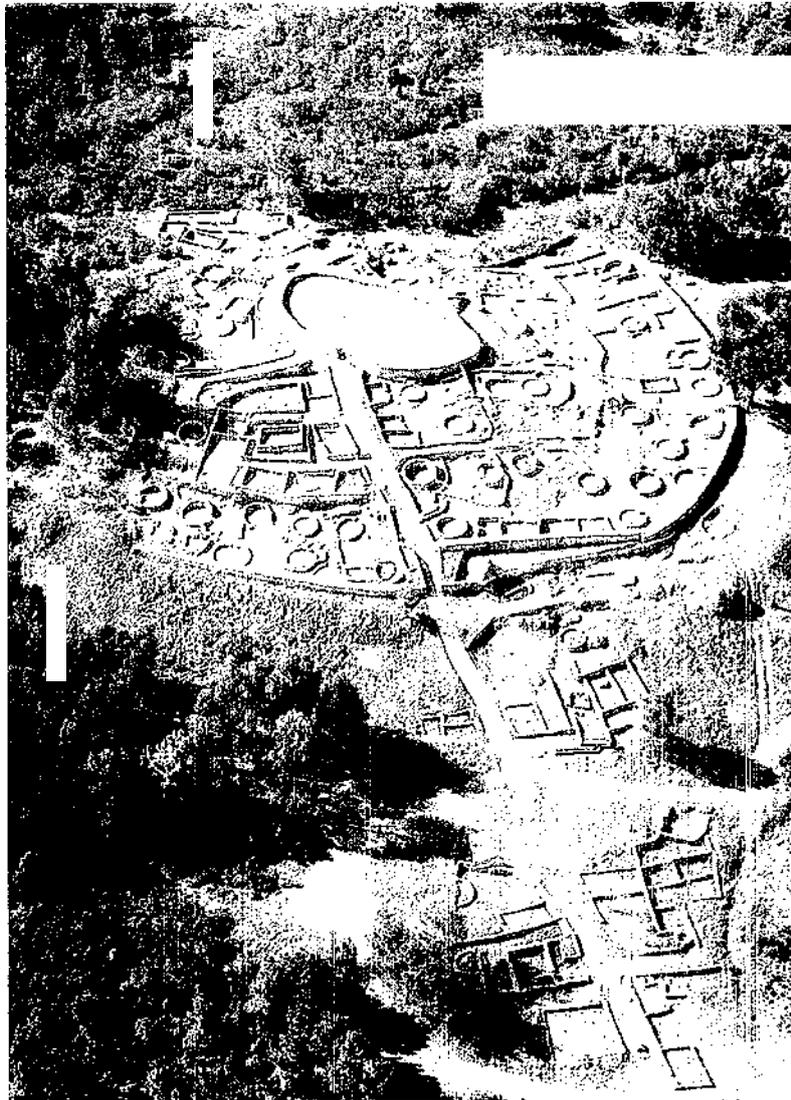
O espólio recolhido nesta casa foi por demais escasso. Temos porém que o dividir em dois conjuntos, correspondendo um ao nível fundo (6), de escorrimento da vertente, em que os fragmentos cerâmicos surgem pequenos e muito desgastados, como que rolados por terem sido carregados no enxurro. Contém este conjunto uma vintena de fragmentos de terra sigilata hispânica alto-imperial, forma Drag. 15/17, parte de um fundo de ânfora e também restos pequenos e em mau estado de potes, púcaros e outros vasos romanos de formas fechadas, e alguns, raros, de cerâmica castreja tardia. Pensamos que todos estes materiais do século I dC foram arrastados do interior do castro, em cujas ocupações encontram correspondência, pelo que aqui terão pouca relevância.

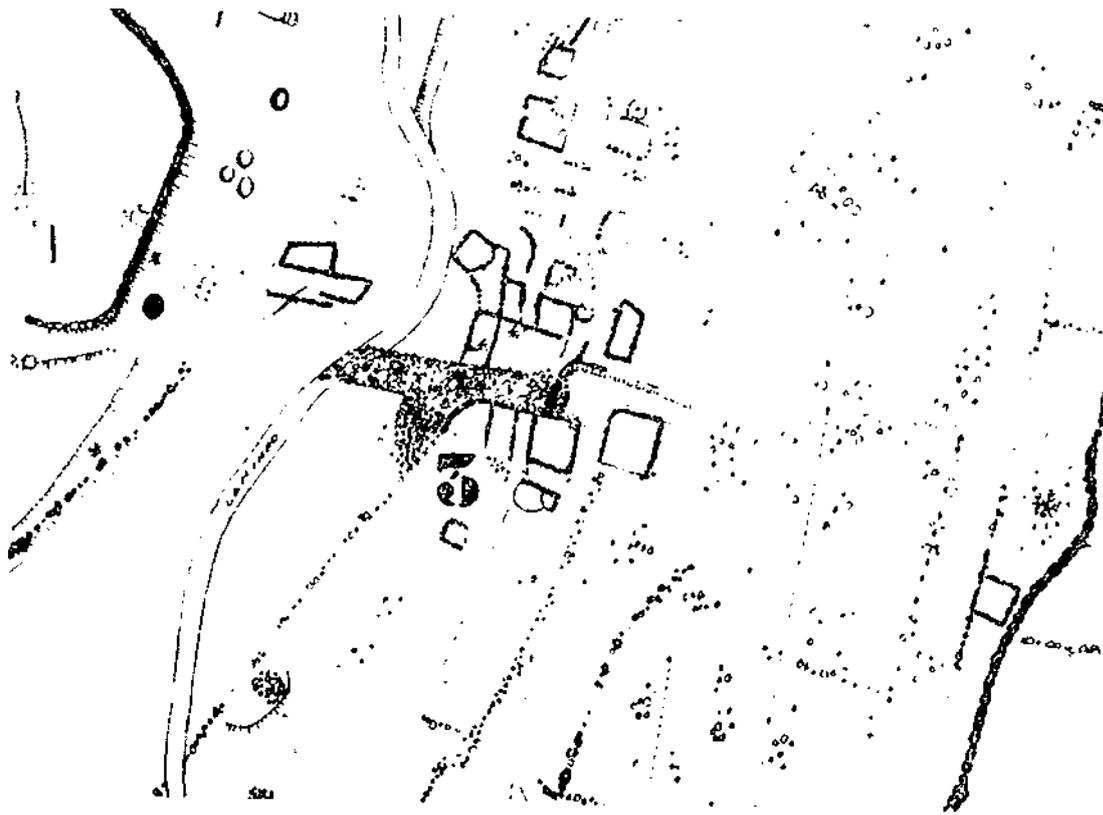
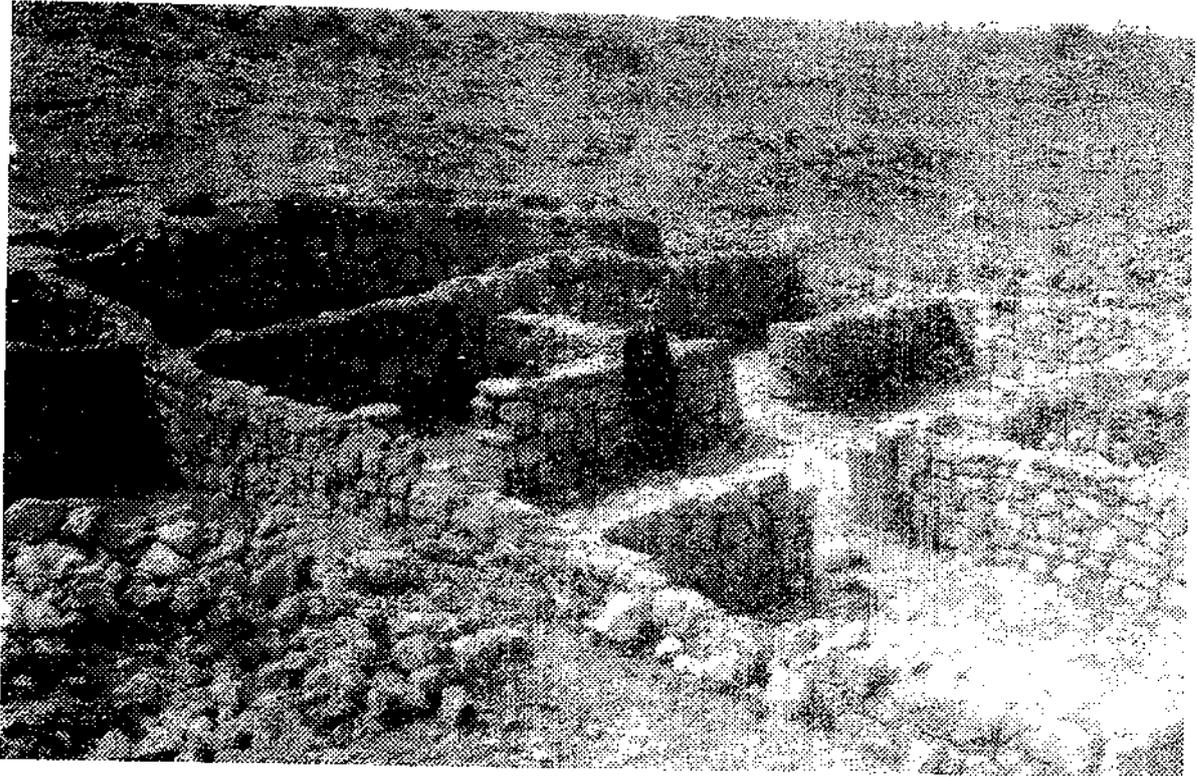
No interior da casa quase não havia espólio, sendo importante apenas a grande quantidade de

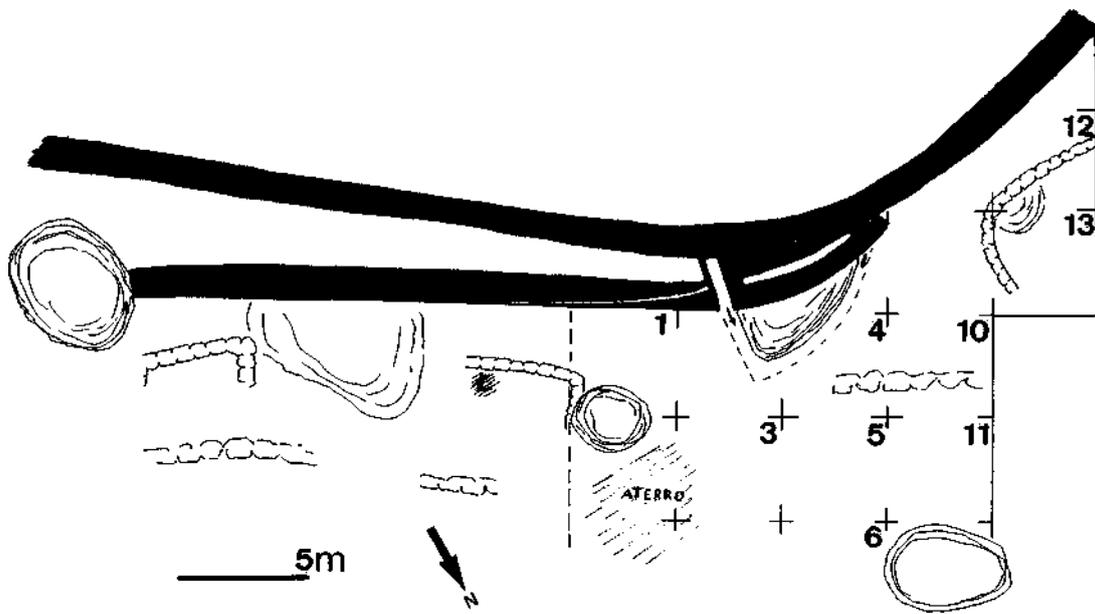
materiais cerâmicos caídos da cobertura, que recolhemos para posterior comparação com outros provenientes de diversas áreas de Mozinho, ou mesmo de outras estações do concelho. Salientamos porém, como primeira impressão sobre as telhas, que estas se apresentam em pastas e com rebordos muito variados, apesar de provirem todas desta construção e da mesma e única camada de derrube.

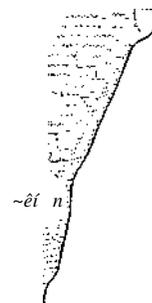
Em redor do edifício o espólio recolhido foi também muito pouco, e apenas cerâmica comum, o que dificulta uma proposta de datação bem fundamentada. Trata-se maioritariamente de asas de jarros trilobados e de outros vasos, fundos e um bordo de panela e, mais interessante, um almofariz (Fig.17.3) comparável a outro já publicado, proveniente do sector 8²⁵. Toda a cerâmica tem, como característica comum, o fabrico em pastas contendo grãos brancos bem visíveis, com boa cozedura, apresentando superfícies alisadas mas ásperas, que aponta para uma datação baixo-imperial, sem que de momento possamos precisar mais.

²⁵ SOEIRO, Teresa - Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. 3ª série, I, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, p. 264-265, fig. CXXXV 1.



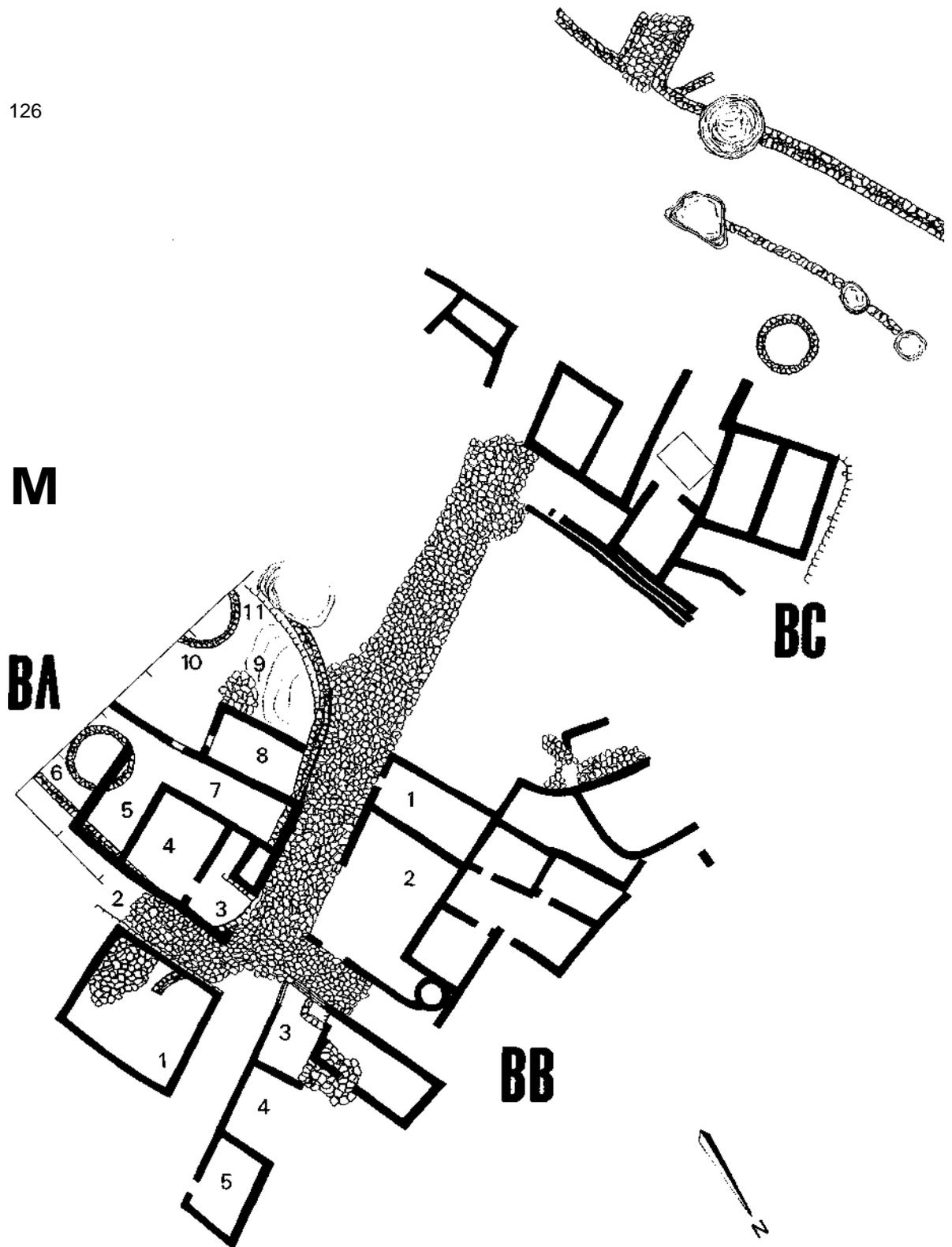


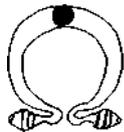






5cm

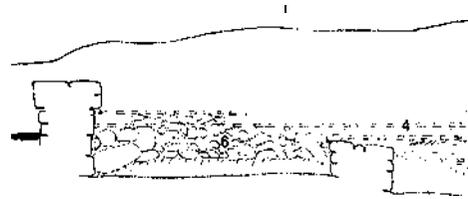




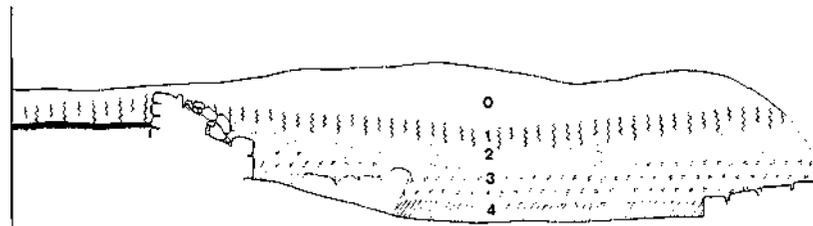
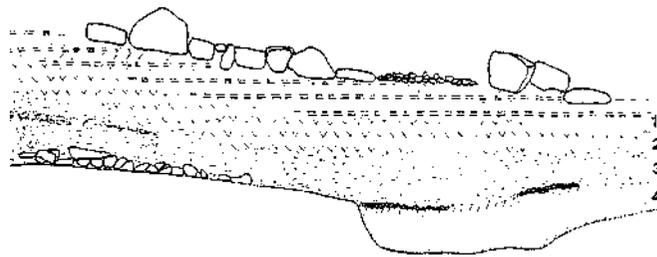
5cm





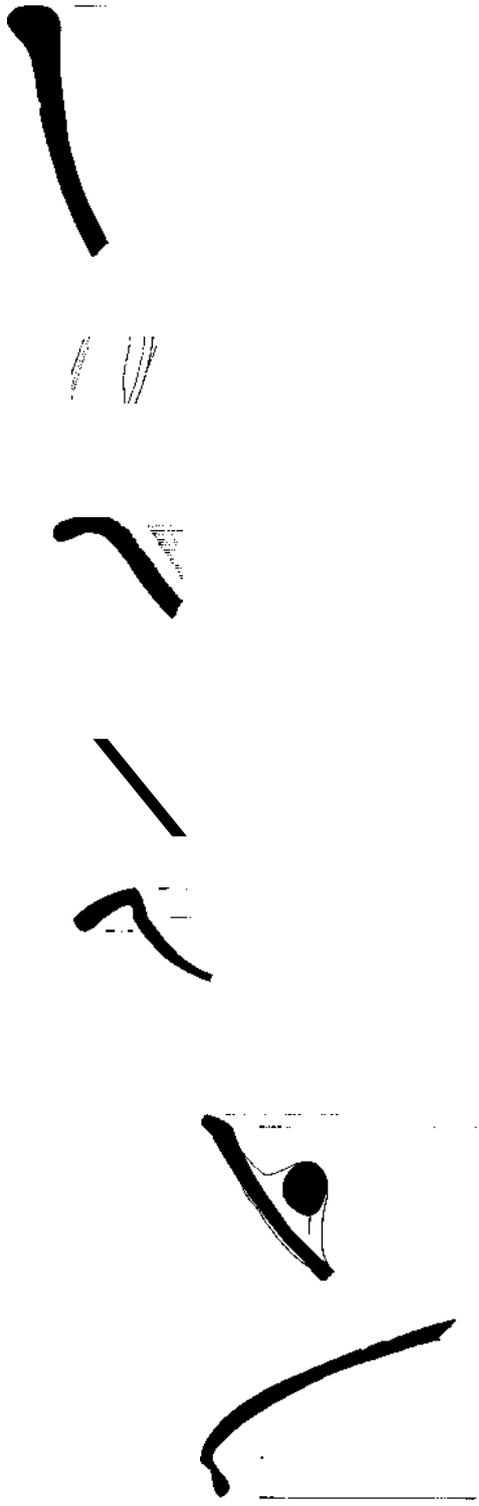


* « « ;



L 10

1m



Ax7_ Ap*"/A" -----

7

/
8

10

5cm

M

CO

00

00

IV

o)

CM

00

4

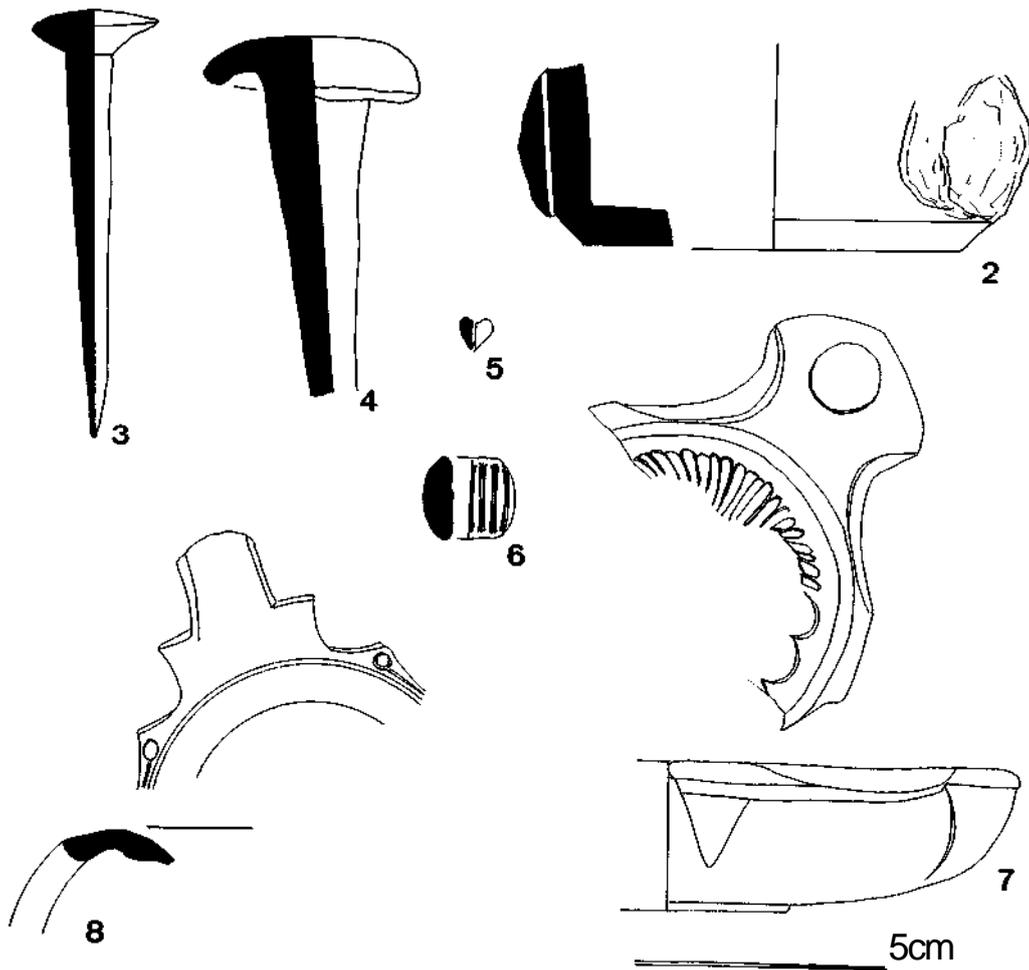
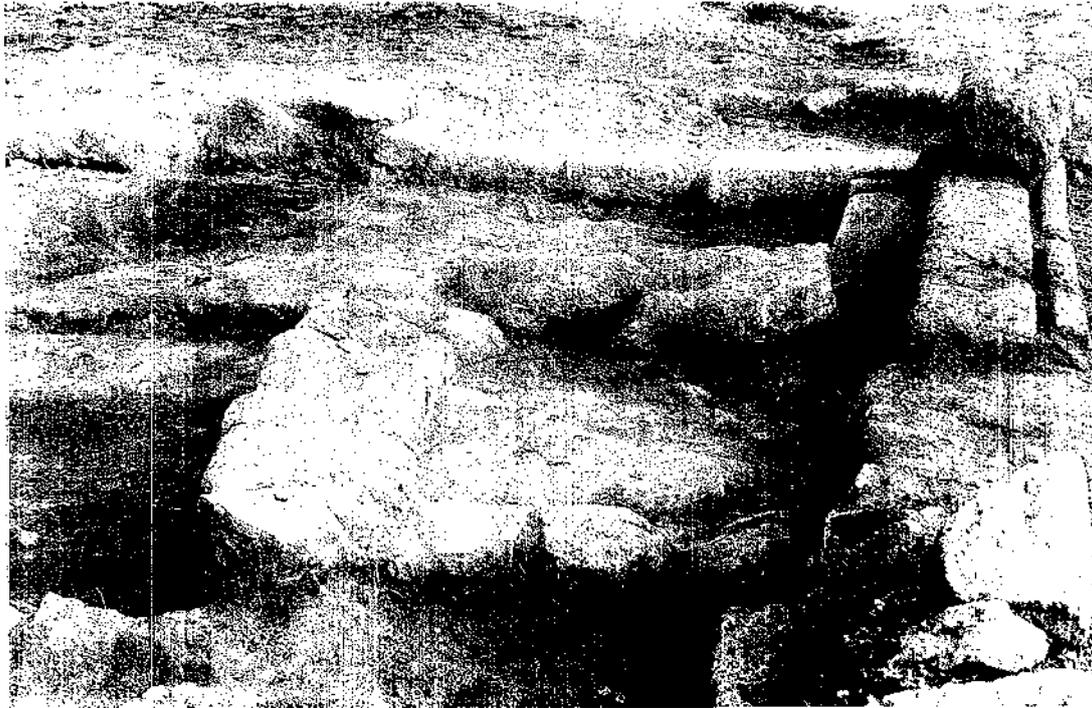
A

✓

6 7

o)

K o ' wv®r



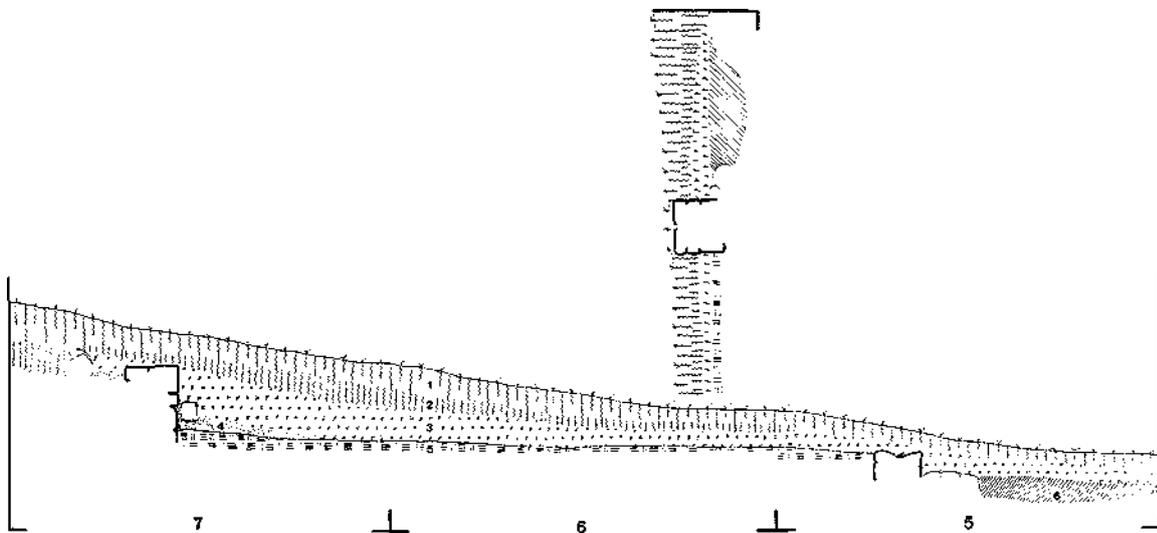
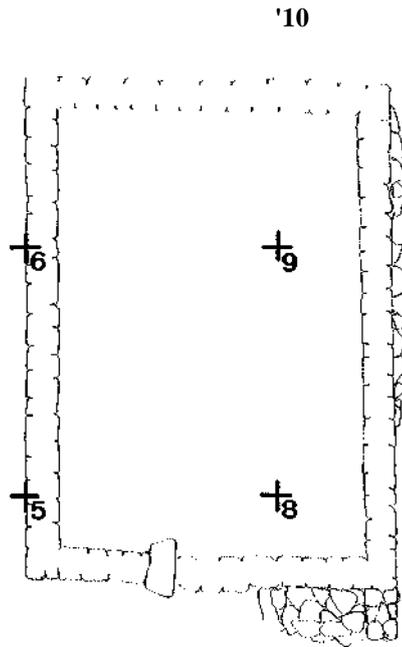
134



5cm

M 96

1
m





\

8

